

O HORIZONTE DAS RELAÇÕES MÉXICO-ESTADOS UNIDOS SOBRE O TEMA DO NARCOTRÁFICO INTERNACIONAL

EL HORIZONTE DE LAS RELACIONES MÉXICO-ESTADOS UNIDOS SOBRE EL TEMA DE NARCOTRÁFICO INTERNACIONAL

Danillo Avellar Bragança¹

Resumo: O México vive um período de enorme incerteza. O atual presidente Enrique Peña Nieto tem baixíssimo apoio popular e enfrenta uma série de problemas domésticos, sobretudo em termos de segurança interna. O país volta a enfrentar uma nova onda de violência, com o maior índice de mortos em seis anos, desde o fim do governo de Felipe Calderón. A atual presidência dos Estados Unidos capitaneada por Donald Trump traz desafios. O México é bastante dependente da economia norte-americana e do apoio econômico e logístico da Iniciativa Mérida, e os primeiros sinais de esfriamento das relações entre os dois países são muito fortes. Os discursos iniciais de Trump dão um tom muito hostil, e isto terá severas implicações internas para o México. Neste sentido, o objetivo deste artigo é atualizar o tema dos cartéis narcotraficantes no México e das relações entre México DF² e Washington. Além disso, de forma a compreender o momento atual mexicano e alguns horizontes possíveis, outro objetivo deste texto é analisar cenários futuros em relação à integração mexicana a outras iniciativas multilaterais.

Palavras-chave: México; Estados Unidos; Narcotráfico; Integração.

Resumen: Mexico vive un tiempo de enorme incertidumbre. El actual presidente Enrique Peña Nieto tiene apoyo popular muy bajo y enfrenta una serie de problemas domésticos, sobretudo en seguridad interna. El país vuelve a enfrentar nueva ola de violencia, con el mayor índice de muertos en seis años, desde el fin de gobierno de Felipe Calderón. En Estados Unidos, Donald Trump presenta nuevos desafíos a Mexico. El país es bastante dependente de la economía estadounidense e de el apoyo económico y logístico de Iniciativa Mérida, y los primeros señales de esfriamiento de las relaciones entre los dos países son muy fuertes. Inicialmente, Trump discursa de manera muy hostil, y seguro que esto implicará severamente para México. Neste

¹ Professor-colaborador da Universidade Federal Fluminense (UFF), doutorando em Ciência Política também pela UFF. Mestre em Relações Internacionais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail para contato: dbraganca@id.uff.br

² Cidade do México, capital do país.

sentido, el objetivo deste artículo es actualizar el debate de los carteles narcotraficantes en México y de las relaciones entre Mexico y Washington. Además, de manera a comprender el momento actual de Mexico con algunos horizontes posibles, otro objetivo deste artículo es analizar cenários futuros en relación a integración mexicana y otras iniciativas multilaterales.

Palabras-clave: México; Estados Unidos; Narcotráfico; Integración

INTRODUÇÃO

A vitória de Donald J. Trump nas eleições de 2016 trouxe consigo uma série de perguntas para o futuro, acompanhado de um horizonte não muito promissor para as relações com a América Latina. Se por um lado, abre-se uma janela de oportunidade para reforçar os laços entre os países latino-americanos, quanto a suas iniciativas de integração regional, por outro, percebe-se que há muito que fazer para que isto seja realmente possível.

Há muitos empecilhos. A histórica influência dos Estados Unidos no comércio e política da região é um deles. A virada política que a América do Sul vem descortinando desde a eleição de Mauricio Macri na Argentina, a instabilidade interna no Brasil e o questionável acesso de Michel Temer ao poder, a extensão da crise na Odebrecht para os países vizinhos, as crises na Venezuela, entre outros, trazem uma conjuntura peculiar e que merece uma análise.

O objetivo deste texto, no entanto, é especificar este raio de percepção na intenção de ver se este é um modelo possível para avaliar relações em maior escala na América. Assim, o foco deste trabalho é as relações entre Estados Unidos e México, no que diz respeito aos temas de segurança, com ênfase no narcotráfico. O México é, talvez, o principal afetado nos primeiros movimentos do governo Trump no que se refere à política externa. A pressão que parte de Washington em direção ao vizinho do sul causa constrangimento, discursos desconexos, visitas desmarcadas, no período de pior condição das relações entre os dois países.

Sobre o narcotráfico, este é um tema que interessa os dois países e que a solução inevitavelmente passa pelo ajuste de política externa, de uma solução conjunta para o problema. Dado que as relações entre o México e os Estados Unidos podem estar entrando em um período de esfriamento e até discordância, é importante avaliar possíveis impactos nos temas de segurança e crime internacional envolvidos.

As relações entre Estados Unidos e México são fundamentais para o futuro de toda a América do Sul. Este será, portanto, o objetivo principal deste texto: avaliar os desdobramentos mais recentes das relações entre os dois países. Faremos aqui algumas simulações possíveis, em quadros prováveis do que se pode observar neste

primeiro momento. Não se trata de futurologia, mas de testar as possibilidades de aproximação, distanciamento entre os Estados Unidos e o México, e, por fim, observar o quanto a integração de natureza latino-americana seria afetada por este movimento.

NOTAS SOBRE AS RELAÇÕES EUA-MÉXICO NO TEMPO RECENTE E POSSIBILIDADES MEXICANAS

A primeira viagem de Obama como presidente norte-americano foi em 2009, na Cúpula das Américas em Trinidad e Tobago. Era o auge da “onda rosa³” latino-americana, e Washington estava longe do compromisso outrora firmado publicamente e enfrentava um enorme ceticismo por parte dos países da região. Obama então propôs um reset nas relações hemisféricas. Um antigo ditado diplomático norte-americano diz que após anos de incerteza e congelamento das relações com os países abaixo do Estreito da Flórida, certa dose de negligência benigna sempre é um bom negócio. Obama parece ter feito mais que somente isso.

Erros importantes foram cometidos, no entanto. O incidente com o celular da Presidente (a) do Brasil Dilma Rousseff (1º de janeiro de 2011 a 31 de agosto de 2016), e a (muito) possível influência norte-americana nos rumos do processo de impeachment no Brasil podem ter custado muito em termos de confiança. A administração do atual presidente do Brasil, Michel Temer (2016 até os dias atuais) já sinalizou uma aproximação, que parece improvável com o governo Trump e com profundas alterações e conturbações na política externa brasileira sob o comando de José Serra (cargo atualmente ocupado por Aloysio Nunes Ferreira - PSDB-SP).

O retorno das relações com Cuba é algo fundamental. Fundamental também para transformar as relações com todo o hemisfério, que em maior ou menor escala, tinham relações próximas com Havana. O fim do ciclo progressista⁴ na América Latina e o surgimento de grupos mais à direita parece inclusive ter afetado o próprio país, mas certamente os regimes autoritários da região tiveram vida difícil.

No começo de 2017, um pouco antes da posse de Trump, Luis Videgaray foi escolhido como ministro das Relações Exteriores mexicano, após o incidente da visita do agora presidente norte-americano ao México. O encontro entre Peña Nieto e Trump não teve um desfecho favorável ao México, o que custou o cargo de ministro das Finanças a Videgaray. Ao assumir como chefe das Relações Exteriores mexicanas,

³ Expressão usada na análise política do início do século XXI, para referir-se à percepção da crescente influência da esquerda na América Latina, entre o fim da década de 1990 e o início dos anos 2000, quando foram eleitos muitos chefes de Estado ligados a partidos reformistas de esquerda, a exemplo de Luiz Inácio Lula da Silva (no Brasil), Hugo Chávez (na Venezuela), Evo Morales (na Bolívia), Néstor Kirchner (Argentina) e Tabaré Vázquez (no Uruguai), entre outros. Ver referência.

⁴ Termo associado à nota anterior.

sua missão parece extremamente difícil, assim como a mensagem que Peña Nieto quer passar ao vizinho.

A opinião pública mexicana parece uníssona em apontar já a submissão mexicana a Trump, com ameaças de construção do muro e com o linguajar pouco apropriado a que se refere aos mexicanos de forma geral. As relações entre Videgaray e Trump parecem ser melhores, e podem ser usadas como ponte para amenizar as tensões entre os dois países, algo que Claudia Ruiz Massieu, a ministra anterior, não pareceu demonstrar conseguir fazer.

Se para a América do Sul, é possível afirmar que o futuro é nebuloso, é mais pela incerteza do que pela ciência do que o governo Trump fará. Com a América do Norte, Central e Caribe, a dependência dos Estados Unidos é muito maior. Com Trump, o tom das relações será outro, ainda que o presidente recém-eleito já tenha voltado atrás em algumas ameaças de campanha. Trump já admitiu que pedirá ao Congresso americano a construção do muro na fronteira com o México. O custo gira em torno de US\$ 8 bilhões, com alguns analistas afirmando que chegaria até mais. Com o Peso em constante desvalorização, os problemas com o abastecimento de gasolina, é bastante questionável se o México teria a capacidade de pagar pela construção. Grandes empresas mexicanas como Cemex, líder do segmento de construção, seria uma das grandes beneficiárias.

Trump já afirmou que este custo seria pago pelo México posteriormente, em resposta às alegações de que teria voltado atrás. Isto incluiria aumento de preços nos cartões de trânsito de fronteiras, no valor dos vistos concedidos a trabalhadores do NAFTA e maior cobrança também nos valores pagos por CEOs e diplomatas mexicanos que atuam no país.

A ajuda externa norte-americana ao México não chega a US\$ 200 milhões ao ano, dados da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). As remessas de mexicanos residentes nos Estados Unidos chegam a US\$ 24 bilhões anualmente, e Trump já prometeu requerer identificação legal sobre este montante, de acordo com o Patriot Act⁵. Aqui pode estar uma possível fonte realista de cobrar dos mexicanos o pagamento do muro. Os Estados Unidos sozinhos tem um orçamento de controle de tráfico de drogas superior a US\$ 25 bilhões de dólares (MEJÍA e CSETE, 2015). Poucos analistas admitem que estes gastos são eficientes. Os custos do proibicionismo⁶ são ainda maiores.

⁵ Decreto assinado pelo presidente George W. Bush na ocasião posterior ao 11 de Setembro de 2001, em 26 de Outubro de 2001. Ele permite que órgãos de segurança e de inteligência dos EUA interceptem ligações telefônicas e e-mails de organizações e pessoas supostamente envolvidas com o terrorismo, sem necessidade de qualquer autorização da Justiça, sejam elas estrangeiras ou americanas.

⁶ Proibicionismo é uma forma simplificada de classificar o paradigma que rege a atuação dos Estados em relação a determinado conjunto de substâncias. Seus desdobramentos, entretanto,

Malamud (2017) aponta que a relação entre os Estados Unidos e a América Latina em momentos de esfriamento se dá de três formas históricas, e o que temos é um claro momento de afastamento entre os dois países. Colocaremos o México aqui como parte desta categorização, mas imediatamente o pinçaremos para sermos específicos quanto aos efeitos para os mexicanos.

A primeira é a construção de estruturas regionais, com o desenvolvimento conjunto dos países da região. O maior exemplo disto aponta o autor, é o Brasil, e as propostas de integração como o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), a União das Nações Sul-Americanas (UNASUL) e a própria liderança brasileira, hoje combatida pelas crises internas e pela inabilidade do chanceler José Serra e o pouco tempo do chanceler Aloysio Nunes Ferreira. A segunda é uma diversificação global dos parceiros, algo que o Brasil também fez, de certa forma, mas que o Chile representa muito bem. Por fim, a última destas formas de contraposição aos Estados Unidos é o recrutamento e alinhamento a outro hegemon⁷, algo que Cuba fez, por exemplo, durante a Guerra Fria.

O México conta com um espaço muito limitado para atuação internacional diplomática. Sua atuação em missões de paz é algo bastante recente, além de muito restrita (SCHIAVON, 2013). Esta limitação está bem latente nas linhas básicas de orientação do serviço exterior mexicano, que são o multilateralismo, o princípio de defesa da soberania nacional e a diplomacia pacifista. Neste sentido, olhar para estes cenários é adequar esta nova pretensão de algum protagonismo no sistema internacional para os mexicanos às linhas originais da política externa do país. Olhar para estes cenários é entender como contrabalançar os Estados Unidos, e achar estratégias possíveis de serem realizadas sem que os interesses comuns se esvaíam e que os pontos de discordância não sejam diretamente penosos para o México.

O narcotráfico⁸ é um destes temas de discordância. Apesar de ser um ponto comum de ameaça para os dois países, historicamente o que se viu foram relações de simbiose entre o governo mexicano e os cartéis internacionais, relações desconfiadas entre os Estados Unidos e o México, e mais imposição do que barganha (BRAGANÇA, 2017).

vão muito além das convenções e legislações nacionais. O proibicionismo modulou o entendimento contemporâneo de substâncias psicoativas quando estabeleceu os limites arbitrários para usos de drogas legais/positivas e ilegais/negativas. Entre outras consequências, a própria produção científica terminou entrincheirada, na maior parte das vezes do lado "certo" da batalha, ou seja, na luta contra as drogas¹. O proibicionismo não esgota o fenômeno contemporâneo das drogas, mas o marca decisivamente. Ver FIORE (2012).

⁷ É a supremacia de um povo sobre outros, por meio cultural, financeiro, tecnológico, político ou militares. Ver DUBOIS (2005).

⁸ Comércio de substâncias diversas consideradas ilícitas por governos. Crime transnacional de características transfronteiriças, cometido por organizações criminosas que agem de maneira a tornar sem efeito os conceitos de Estado e de soberania nacional. Ver RODRIGUES (2012).

Analistas mexicanos falam de um período de liderança mexicana nas iniciativas latino-americanas de integração. Falam em ponte natural de afinção com a Europa, da aproximação entre a Comunidade de Estados Latino-Americanos e do Caribe (CELAC) e a União Europeia (UE), com o México conduzindo o processo. O embaixador mexicano Alejandro de La Peña é hoje o candidato mais forte para assumir a secretaria geral da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI⁹), e conta com apoio de importantes forças dentro do continente, como o Chile. O México hoje aprofunda as suas relações bilaterais com o próprio Chile, a Argentina, e Brasil na intenção de ampliar seus Acordos de Complementação Econômica (ACE).

A ideia de intensificar os fluxos regionais entre os países da América Latina passa pela diversificação dos mercados mexicanos, profundamente afetados com o aumento das tensões com os Estados Unidos. Mas o projeto *#MéxicoGlobal*¹⁰, como cunhado pelo governo mexicano, é bem mais amplo.

Esta pretensão mexicana se chocaria sempre com a liderança de outros países na região, notadamente o Brasil. Enquanto o México experimenta taxas de crescimento sustentável desde 2010, o Brasil claramente está no caminho contrário, e a crise econômica que aqui se instalou não dá sinais de que melhorará com a gestão de Michel Temer.

De certa forma, este crescimento mexicano cancelaria a pretensão de líder regional e, com o direcionamento existente da diplomacia mexicana, reforçaria as iniciativas de integração latino-americana. Mas, ainda que a primeira vista isto seja claro, uma análise mais fria das comparações entre Brasil e México revelam uma série de questões.

A pior das recessões se deu no México, antes de 2010, e ainda há sinais de recuperação na economia mexicana, que hoje se encontra em recuperação, com a moeda mexicana já em ritmo de estabilidade. Se comparados aos níveis de 2007, o Brasil passa a perder em termos de crescimento econômico para os mexicanos no ano de 2016. Desde 1993, quando da assinatura do NAFTA, o México cresceu um pouco mais de 2% na média anual, sensivelmente abaixo daquela registrada em outros países do mundo emergente. Em comparação com os ciclos anteriores no país, entre a década de 1950 e 1990 o crescimento anual médio foi de 6,6%, notadamente superior.

Ou seja, num primeiro momento, a liderança mexicana ainda é uma incógnita. Não é possível afirmar com clareza que o Brasil é uma estrela em declínio e tampouco se este papel é possível de ser exercido pelo México. O Brasil sempre teve muitas dificuldades em fazer o papel de líder regional, seja por questões financeiras, seja por

⁹ Atualmente sob o comando do argentino Carlos Alvarez.

¹⁰ Para maiores informações sobre a atuação multilateral do país, ver <http://www.eluniversal.com.mx/tag/mexicoglobal>

desinteresse. O incremento das relações com os países da América Central por si só não seria capaz de garantir uma saída consistente e suficiente para o México, e a aproximação com muitos países da região é dificultada pela distância geográfica e política, sobressaindo Chile e Colômbia como parceiros mais fortes, mas que representam parcela pequena do grande mercado da região, com Peru e Costa Rica em menor escala. A chamada Aliança do Pacífico (AP) tem recebido bastante atenção da mídia internacional, como saída possível para uma eventual dissolução do NAFTA. O bloco ganhou contornos políticos ao se posicionar contrário à construção do muro entre o México e os Estados Unidos, e sugere uma aproximação ainda maior com o Acordo Transpacífico (TPP), com os países do Sudeste Asiático, o que será discutido ainda neste texto.

Sobre a AP, é para onde o cenário aponta com mais força. O incremento das relações entre Peru, Colômbia, Chile, Costa Rica e México garantiria a estes países certo alento, sobretudo para os mexicanos. O bloco tem seis anos completados em março de 2017, e outros países podem eventualmente vir a participar, como o Panamá. Fala-se em estreitamento de laços com o MERCOSUL, numa ponte feita por Maurício Macri e Enrique Peña Nieto, mas ainda é tímida, e só prevê inicialmente intercâmbio cultural e estímulos ao turismo. Este cenário é o mais forte, e o seu fortalecimento institucional pode se estender ao MERCOSUL.

Analisemos agora a diversificação global a partir da aproximação com outros atores globais. O Acordo Transpacífico (TPP) seria a principal plataforma para isto, mas o México tem um número bastante acentuado de acordos de livre-comércio no planeta – quase cinquenta. Num primeiro momento, como crer numa inserção de nível global se as dificuldades para inserção regional persistem de forma tão contundente?

Os Estados Unidos de Donald Trump logo trataram de desembarcar do TPP. O chamado Acordo Transpacífico Onze (TPP-11) já está em análise, com importante participação de japoneses e mexicanos. A retórica de Trump serve tanto para desqualificar a importância do NAFTA quanto do TPP-11, e talvez pelo mesmo motivo, crie no México a necessidade de renegociação dos termos gerais dos dois blocos, o primeiro enquanto possibilidade difícil de reaproximação e o segundo como horizonte de crescimento.

O quadro mais provável é o TPP-11. De muitas formas, esta é uma boa possibilidade para o México, sobretudo porque dá os mexicanos uma nova carta de barganha. Um NAFTA 2.0 também é algo possível, mas de difícil costura. Se Trump não pode manter o tom das críticas ao México como no começo de seu mandato, as diferenças são ainda grandes – o tema importante das relações laborais é um entrave enorme.

Os cem dias da gestão Trump foram cobertos amplamente pela mídia mexicana, e há muitos registros que garantem que as promessas do mandatário norte-americano estão *rotas*, ruídas. Quatro grandes propostas de Trump não foram cumpridas, todas muito alardeadas. Mas as quatro continuam na mesa, permanentemente em tela. Além do 1) muro, do 2) NAFTA, falava-se em 3) deportação maciça de indocumentados e 4) do imposto para a proteção da economia norte-americana. Nenhuma delas saiu do papel.

Assim, enquanto o TPP-11 representa a possibilidade de uma nova inserção e diminuição da interdependência com os Estados Unidos, um NAFTA revitalizado poderia frear este movimento e voltar a concentrar o México em sua relação visceral com o vizinho.

Outra rota possível e bastante comemorada é o aprofundamento do Acordo de Complementação Econômica 6 (ACE-6) com a União Europeia (UE). Diante do protecionismo crescente no mundo todo, os europeus veem com bons olhos a diversificação de seus sócios comerciais na América Latina, em especial o México, mas também, a Argentina.

Os acordos México-EU foram firmados em 2010¹¹, renovados em 2015 e 2016, e se espera chegar no final de 2017 com uma gama maior de itens negociados. As relações foram instituídas e normalizadas nas duas primeiras rondas de negociação, sobretudo no que se refere a mercados de bens e serviços, regras de origem, investimentos, propriedade intelectual e medidas sanitárias.

Analisemos agora a existência de outros líderes que possam vir a ter influência para o México, como é o caso da China e da Rússia. Em relação ao primeiro, a China já é o maior comprador de países como Brasil, Chile e Peru, e está em segundo lugar em relação à Argentina e Venezuela. Com a Rússia, as relações estão em outro nível, de cooperação política, militar, tecnológica, entre outros. O país de Putin surge também como importante comprador para o Brasil, por exemplo.

No caso mexicano, o principal destino das exportações é os Estados Unidos, assim como as importações. No ranking das exportações, uma diferença de 250 bilhões de dólares para o segundo colocado, no caso o Canadá, seguido de longe pela República Popular da China, e, mais próximos, Espanha e Brasil. No ranking das importações, a diferença entre Estados Unidos e o segundo colocado, a China, é de 150 bilhões de dólares. Seguem na lista, o Japão, a Coreia do Sul e a Alemanha.

Os estados do Sul dos Estados Unidos são também parceiros comerciais importantíssimos para o México. Foram enviados para o México U\$ 132 bilhões por estados como Texas, Novo México, Califórnia, Arizona, Michigan e Illinois, os

¹¹ Ver <https://www.gob.mx/se/acciones-y-programas/comercio-exterior-paises-con-tratados-y-acuerdos-firmados-con-mexico>

principais sócios comerciais do país. Por sua relevância no cômputo geral da economia norte-americana, Texas e Califórnia representam 21% do PIB total do país, o que sugere que há certa dependência do México, porque se baseiam muito nas trocas comerciais com o país vizinho.

Jorge Castaneda, ex-ministro mexicano das Relações Exteriores, é um que aponta a possibilidade de resistência do país. A dependência entre os dois países é complexa e passa, por exemplo, pela Guerra às Drogas, que será mais profundamente discutida à frente. O custo e o risco são compartilhados, e qualquer desequilíbrio nas relações poderia afetar este compartilhamento. O *North American Free Trade Agreement* (NAFTA), em português, Tratado de Livre Comércio da América do Norte, seria outro problema neste caso. A instabilidade em si já causa tremenda afetação para a economia mexicana, e as pressões de Trump têm feito grandes montadoras norte-americanas suspenderem investimentos imediatos no México – muito provavelmente em troca de alguma grande contrapartida que não veio à tona ainda.

Qualquer retração dos investimentos estrangeiros no México certamente geraria dois efeitos diretos: o aumento da pobreza e do desemprego e o aumento da imigração. Aí está o paradoxo da dependência. Uma crise social nos países centro-americanos não interessa aos Estados Unidos, se o objetivo é refrear ou pelo menos diminuir o fluxo de imigrantes para o país.

Manriquez e Navejas (2010) falam de um México *atrapado sin salida*, quando se referem às relações com a República Popular da China e Índia. Isto porque, se os dois primeiros conseguiram ao longo das décadas de 1960 em diante dar um salto importante em termos de diversificação de mercados e crescimento econômico, o México não teve o mesmo fôlego, em ambos os movimentos.

As relações, desde então, são deficitárias para os mexicanos. A dificuldade em exportar que acometia o México não foi inteiramente solucionada, apesar de ter garantido boa parte do crescimento econômico do país nos últimos anos. Mas os motivos permanecem os mesmos: ausência de uma política de estímulo à exportação para China e Índia; a falta de produtos ou bens a serem comercializados; desinteresse da elite mexicana no comércio com a China e com a Índia. As relações culturais em muito ainda atrapalham o crescimento das relações comerciais, sobretudo com os chineses, que ainda são vistos com enorme desdém pelas empresas mexicanas (MANRIQUEZ; NAVEJAS, 2010).

Um dos setores que romperam com esta lógica foi o setor petrolífero mexicano, que vem passando por um largo processo de desestatização desde 2013. A participação estatal foi reduzida, e o petróleo cru mexicano ganhou espaço no mercado chinês. Desde 2013, a *China Petroleum & Chemical Corporation* (Sinopec), em português, Companhia Petroquímica da China, e a *Petróleos Mexicanos* (Pemex),

em português, tem acordos comerciais importantes, o que garantiu aumento da participação dos chineses no mercado.

A China recentemente propôs a ampliação dos BRICS¹² com a entrada de outros países, em que o México foi nominalmente citado, além do Paquistão e do Sri Lanka. O BRICS parece uma plataforma chinesa importante de inserção global e disputa hegemônica com os Estados Unidos, e os países do bloco manifestaram-se favoravelmente a isto, sobretudo os indianos.

O FUTURO DA GUERRA ÀS DROGAS

Se em termos comerciais, os caminhos sugerem uma diminuição da dependência mexicana aos Estados Unidos, no tema da Guerra às Drogas, o caso talvez não seja o mesmo.

Este ano de 2017 cumprem-se dez anos do esforço de guerra contra os cartéis iniciada por Felipe Calderón. O objetivo da intervenção em Michoacán era o de reduzir os efeitos do enfrentamento entre a Família Michoacana e o Cartel dos Zetas. Desde então, se fala de 100 mil mortos e 20 mil pessoas ainda desaparecidas, com ainda milhares de famílias deslocadas. A violência continua a crescer, e o ano de 2017 já conta com um saldo bastante negativo. Só no ano de 2016, US\$ 1,6 bi foram gastos com o esforço de guerra às drogas.

No entanto, em nenhum país do mundo a violência cresceu tanto como no México entre 2016 e 2017. Aproximadamente 70% das armas apreendidas no México entre 2009 e 2014 vieram diretamente dos Estados Unidos¹³, como apontou um *report* emitido pelo Bureau de Controle de Bebidas Alcoólicas, Tabaco, Armas de Fogo e Explosivos (ATF, como escrito em inglês). Tudo isto, num primeiro momento, é foco de atrito real entre os governos mexicano e norte-americano, e é possível se aprofundar mais.

A Iniciativa Mérida¹⁴ parece ter esgotado sua capacidade, por exemplo. A segurança de cidadãos estadunidenses no México volta a ser ameaçada. Um oficial do consulado norte-americano foi baleado no começo de 2017, num ataque direto e não-acidental. O ataque aconteceu no estado de Jalisco, um dos centros econômicos do

¹² Acrônimo que se refere aos países membros fundadores (o grupo BRIC: Brasil, Rússia, Índia e China), que juntos formam um grupo político de cooperação. O "S" foi oficialmente adicionado à sigla BRIC para formar o BRICS, após a admissão da África do Sul (em inglês: South Africa) ao grupo.

¹⁴ A Iniciativa Mérida (às vezes denominada Plano Mérida ou Plano México) é um tratado internacional de segurança estabelecido pelos Estados Unidos de acordo com o México e os países centro-americanos para combater o tráfico de drogas e o crime organizado. O acordo foi aceito pelo Congresso dos Estados Unidos e ativado pelo ex-presidente George Bush em 30 de junho de 2008.

país, e local de intensa atividade criminal, controlada pelo Cartel de Jalisco Nueva Generación (CJNG). O cartel é conhecido pela violência e pela especulação de seus ataques, que usa como demonstração de força.

Ataques desta natureza já ocorreram antes, mas sempre acompanhados de erro de identificação do alvo. O último ataque não-acidental a um agente norte-americano foi em 2011, e em 1985, uma enorme operação foi montada após a morte de Enrique “Kiki” Camarena, agente da DEA morto em emboscada no México.

Os resultados parecem, no entanto, bastante relativos. A guerra às drogas parece cada vez mais um fracasso retumbante, mas oscila muito quando a economia mexicana também oscila. Por vezes, como agora, a segurança compartilha com a economia o posto de a maior preocupação do cidadão mexicano (PEDROZA, 2017).

Neste caso em específico, a queda abrupta do peso em relação ao dólar no final do ano de 2016 causou grandes protestos no país. O preço da gasolina, que é subsidiado em dólar, disparou, causando racionamento. Bloqueios em estradas foram reportados em todo o país, e o pânico se espalhou pelas redes sociais. No dia 5 de janeiro, o presidente Peña Nieto foi a rede nacional acalmar os ânimos da população, mas o estrago geral já tinha sido feito, e a chegada de Trump na presidência certamente não iria melhorar esta condição num primeiro momento. As estratégias de Peña Nieto para a proteção da economia mexicana e do consumo das famílias vieram em seguida (PEDROZA, 2017).

Enquanto isso e ao mesmo tempo, uma nova onda de violência se ocupa do país, inclusive geograficamente mais dispersa. Os níveis de homicídios voltaram a atingir novos picos e novos espaços de conflito surgem, em estados antes considerados seguros, como a Cidade do México. Um jornal da Cidade do México, o Reforma, descobriu que 75% dos mexicanos não consideram Peña Nieto capaz de lidar com a crescente ameaça que vem dos Estados Unidos (REFORMA, 2017b).

A combinação de problemas internos em curva crescente e um ambiente externo bastante hostil é o quadro em que o México se encontra hoje. O componente humano desse processo dá maior dimensão para o problema. Segundo GONZALEZ (2017):

“Besides the trade agreements and Mexico’s international reputation, it is Mexican people who are at stake. Millions of Mexicans in Mexico are already suffering from economic hardship, while millions of Mexicans in the USA are suffering from discrimination, regardless of status, and are especially vulnerable to unemployment, abuse, or deportation in the case of lacking residency documentation.” (PEDROZA, 2017, p.4)

Ainda que boa parte do problema seja herança da estrutura construída por Felipe Calderón em seu sexênio de governo, há muito para se culpar a gestão de Enrique Peña Nieto. A estratégia em si, pouco variou. Se Calderón era mais midiático,

Peña Nieto é mais contido na exposição permanente de seu frágil plano de ação (SCHIAVON, 2013).

Mais soldados, novas forças de segurança presentes nas ruas, uma nova força policial montada – a *Gendarmería Nacional*, agora subordinada à Polícia Federal – e um novo arcabouço burocrático, com a criação da Comissão Nacional de Segurança (CNS). A CNS substituiria a Secretaria de Segurança Pública criada por Calderón, e agora seria subordinada diretamente a *Secretaría de Gobernación* (SEGOB).

Essas mudanças não surtiram um efeito tão grandioso, apesar dos vistosos números apresentados. A recaptura de *El Chapo Guzmán*¹⁵, no começo de 2016, foi uma vitória importante para Peña Nieto, mas que se converteu, como em outros casos, em um vácuo de poder que deu origem a novos eventos de violência. A extradição de *Guzmán* para os Estados Unidos pode ter enfraquecido o Cartel de Sinaloa, mas o que se observa é que o resultado não é a redução da oferta. Em verdade, a ausência de *Chapo Guzmán* possibilitou uma aliança entre o Cartel *Beltrán Leyva* e o Cartel *Jalisco Nueva Generación* (CJNG).

Esses dois carteis haviam sido desmantelados por Calderón e Peña Nieto, mas a fratura do Cartel de Sinaloa abriu-lhes nova oportunidade. Provavelmente, hoje, o CJNG é o cartel mexicano mais poderoso (BONELLO, 2017), e os níveis de violência aumentaram. Os índices mostravam uma queda importante no início da gestão Peña Nieto, e voltam a subir de forma notável em 2016, no mesmo patamar onde estavam na gestão Calderón.

A violência parece ter se espalhado para outros pontos do território mexicano, assim como o número de cartéis. Estados antes não ocupados pela violência, como Colima, passaram a experimentar aumento de 900% em suas taxas criminais já nos quatro primeiros meses do ano, naturalmente afetando também outros estados próximos¹.

¹⁵ Joaquín 'El Chapo' Guzmán não é apenas o traficante de drogas mais conhecido no México, ele também acumulou poder suficiente para escapar duas vezes - em 2001 e em 2015 - de penalidades de segurança máxima no país. El Chapo, recapturado na sexta-feira, 8 de janeiro, também foi um dos chefes do poderoso Cartel de Sinaloa, uma organização criminosa do narcotráfico no México que ampliou sua influência para vinte e quatro das 32 entidades do país há 20 anos. Nenhuma outra organização teve operações em tantos estados e resistiu com essa força às lutas do governo federal para enfraquecê-lo. O Cartel de Sinaloa é a única organização mexicana que participou com sucesso do tráfico das quatro principais drogas: maconha, cocaína, heroína e metanfetamina. Isso permitiu que Chapo fosse citado, em mais de uma ocasião, como um dos homens "mais ricos" do mundo. Joaquín Guzmán, no entanto, não é o único líder dessa organização. Ele esteve na frente junto com Ismael El Mayo Zambada, capo que nunca foi capturado. Os impactos de sua captura podem ser analisados em um acirramento na disputa pelo controle do tráfico entre os demais cartéis de drogas de menor porte, buscando ocupar o lugar antes pertencente ao Cartel de Sinaloa.

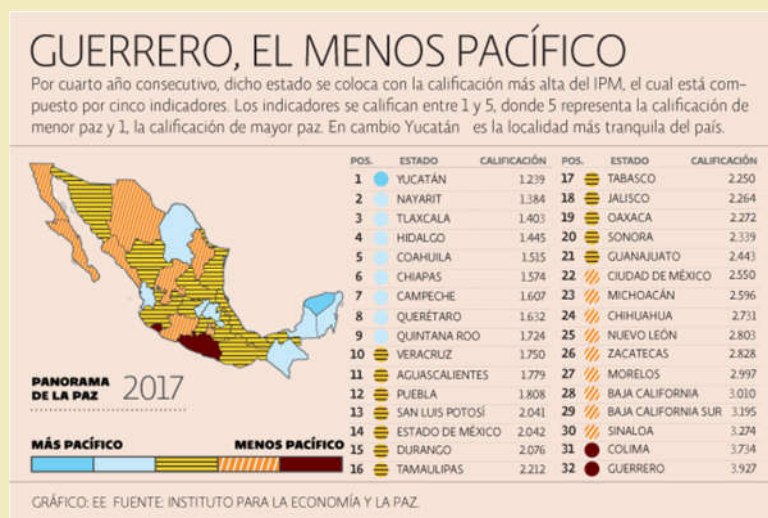


Figura 1 - Fonte: El Economista (2017)

O fato de que redes criminais podem cometer cada vez mais homicídios reflète a falha fundamental no trato militarista do problema dos cartéis. O proibicionismo deveria enfraquecer os cartéis, no limite de seu poder econômico e capacidade de uso da violência, mas nem de longe é isto que acontece. Mesmo com o muro que já existe e o muro que pretende ser construído, o aumento do consumo de heroína na parte nos Estados Unidos explodiu, e é controlado diretamente por cartéis mexicanos. No país todo, 79% da heroína encontrada têm como origem o México.

Ao lançar o Exército e a Marinha mexicana neste conflito, Calderón atirou gasolina no fogaréu tentando apagá-lo. Fatalmente não conseguiu. Se as estruturas simbióticas entre os cartéis, as municipalidades e o Partido Revolucionário Institucional (PRI), foram desestabilizadas com a vitória do Partido da Ação Nacional (PAN) de Calderón, o retorno do PRI ao poder com Peña Nieto, voltou a gerar enorme turbulência. Isto porque historicamente já estavam estabelecidas uma série de acordos que, de certa forma, garantiam a segurança e a continuidade do fluxo de drogas para os Estados Unidos (BRAGANÇA, 2017). A chegada do PAN forçou uma série de novos arranjos que demoraram a se estabelecer, e que já foram rompidas novamente.

Quanto à violência, há muito pouco para se comemorar em relação ao futuro. As estimativas dão conta de que estes níveis de mortalidade permanecerão altos até boa parte da década de 2020, segundo o projeto *Justicia en México*, do Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade de San Diego. Desde 2010, o projeto elabora *reports* para dar clareza aos níveis de violência no México e seus spillovers na fronteira sul estadunidense.

O último *report* traz um dado interessante. A guerra às drogas no México matou mais mexicanos do que estadunidenses na Primeira Guerra Mundial (53 mil baixas), mais que na Guerra da Coréia (36 mil baixas) e mais de que na Guerra do Vietnã (58

mil baixas). Só três países são mais violentos que o México: Honduras, El Salvador e Colômbia. O México precisa urgentemente de novas ideias.

As causas resumidamente já são conhecidas:

- a) uma crise econômica que ainda abate o país, mesmo em crescimento do produto interno, mas que não faz ceder as taxas de concentração de renda e desemprego
- b) a escalada da violência entre os cartéis, causada entre outros motivos por novos arranjos institucionais e uma estratégia muitas vezes enviesada de intervenção
- c) corrupção endêmica, violência contra autoridades e profunda simbiose entre cartéis e Estado

Existem soluções, mais ou menos ortodoxas, e naturalmente, mais ou menos eficientes. Falaremos de algumas propostas possíveis aqui. A primeira delas – e mais urgente – é reconhecer o papel da região de Sinaloa e de seu cartel na dinâmica de poder interna do país. Diz o relatório deste ano da JUSTICE IN MÉXICO (2017):

“Is necessary to consider the dynamics of the illicit markets and criminal organizations— that is, the decisions, strategies, actions, and reactions of organized crime groups in the course of expanding or defending their business operations—that have been detonators and drivers of violence in many parts of the country.” (JUSTICE IN MÉXICO, 2017, p. 33).

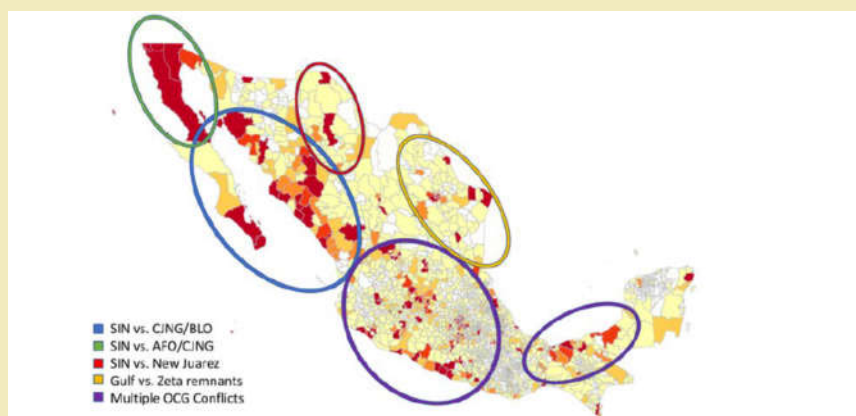


Figura 2 - Fonte: Justice in México (2017)

O Cartel de Sinaloa é responsável por boa parte dos conflitos internos entre cartéis no México, e está em guerra declarada com todos os cartéis grandes do país, incluindo *Cartel de Jalisco Nueva Generación* (CJNG), os *Beltrán Leyva* (BL), os *Arellano Félix* (AF), o Cartel do Golfo (CG) e grupos remanescentes dos Zetas. O mapa acima mostra que o equilíbrio interno do país passa pelo Cartel de Sinaloa, o que é mais provável que venha acontecer num futuro não tão próximo.

Desde 2001, os principais líderes rivais do Cartel de Sinaloa foram presos e extraditados, muito provavelmente de forma proposital, sendo o maior beneficiado. Começou a se discutir uma provável *Pax Mafiosa*¹⁶, tendo o Cartel de Sinaloa como principal fiador. Os indicadores de violência até 2010 davam conta de uma redução importante, somente estancada em 2011. A curva então assumiu uma posição descendente, e se atribuíra ao equilíbrio entre os cartéis com a predominância de Sinaloa sobre todos os outros (JUSTICE IN MEXICO, 2017).

O Cartel de Sinaloa era visto por muitas autoridades como o menor dos males, e muito contribuiu com delações para prisões importantes em cartéis rivais. Em 2013, os níveis de homicídios chegaram ao seu nível mais baixo, e em 2015, a inteligência estadunidense assegurara que o cartel praticamente monopolizava o mercado nos Estados Unidos.

A estratégia logo se mostraria equivocada. O custo de vidas era ainda muito alto, e o equilíbrio ainda muito frágil. A prisão de Chapo Guzmán e sua extradição são diretamente responsáveis pelo aumento dos níveis de violência, sobretudo em estados como Guerrero, e em cidades fronteiriças, como Juárez. A extradição foi um ato político de bons ofícios para com o recém-eleito Donald Trump, mas vem causando um efeito devastador no país. A destituição de Chapo Guzmán do Cartel de Sinaloa inclusive causou uma fratura enorme no interior do cartel, entre os seguidores de El Chapo e uma dissidência que tenta assumir o poder.

Há uma provável nova *Pax Mafiosa* sendo construída, a partir das bases do *Cartel de Jalisco Nueva Generación* (CJNG). Em um primeiro momento, isto representa o choque entre duas organizações criminais gigantescas e com proporcional poder de fogo. Trata-se de uma guerra de posições, com o CJNG tentando ocupar posições enfraquecidas, sobretudo do Cartel de Sinaloa. A construção de um novo equilíbrio é custosa, demorada e tem vida curta.

A segunda sugestão e cenário para o futuro talvez seja mais consistente. O Congresso mexicano aprovou de forma unânime o uso da maconha para fins medicinais. Isto representa um movimento já realizado em outros países e que levou a saltos maiores, como a despenalização do uso. Cerca de vinte outras nações da América Latina já o fizeram em condições mais ou menos iguais, incluindo Argentina e Colômbia, nos últimos doze meses.

¹⁶ A "paz" foi descrita como um estado de relativa não-violência. Isso é gerado a partir de um acordo entre diferentes grupos de crime organizado concorrentes para não competir em atividades criminosas e território, levando a uma paz estável. As autoridades governamentais também podem concordar com esta paz para os seus cidadãos, por não interferir no tráfico de drogas e outras atividades criminosas. Por outro lado, os grupos de crime organizado se beneficiam de uma concorrência e de um risco reduzidos, e do não assédio de seus membros e famílias. Há alegações de que a captura e as fugas nocionais dos chefes do crime organizado podem ser estratégias para manter a paz.

De pouco adiantaria uma liberalização do consumo no México sem um movimento acompanhado nos Estados Unidos. A interface entre os dois mercados é tão profunda, que um estado como o Colorado vir a promover reformas neste sentido tem efeito direto nas condições econômicas, sociais e de violência por toda a cadeia. Os dados não mostram, entretanto, um efeito tão forte assim, ainda que somente o lado estadunidense venha mostrando – e de forma bastante tímida – mudanças dessa natureza.

Uma articulação política que venha a promover mudanças profundas na relação com a penalização e o consumo, associada a um maior equilíbrio entre medidas restritivas e de repressão com medidas de controle de saúde pública e de relativa liberalização, devem existir no futuro. O ritmo e o contraste destas medidas dependem de fatores difíceis de serem rastreados neste momento.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Esta é uma pesquisa em desenvolvimento. Dela saíram uma dissertação de mestrado e um livro, lançado este ano. Há ainda um doutorado em curso, que trata de questões políticas entre o paradigma militarista e novos discursos na América do Sul. O quadro evolui permanentemente, e este dinamismo é tanto um desafio para o analista quanto para o formulador de política pública. O diagnóstico está colocado, e precisa ser colocado. Quanto ao que vai ser feito, isto cabe à esfera dos agentes.

Muitas questões ficam para o futuro. Este é só início da gestão Trump, e não se sabe sequer se ela durará até o fim. Certos pontos são urgentes para a relação entre México e Estados Unidos neste momento, e caberá à diplomacia mexicana algum sucesso nessa empreitada.

Por exemplo, como os Estados Unidos podem controlar o enorme fluxo de armas que ultrapassa a fronteira do norte para o sul? A flexível legislação de armas nos Estados Unidos não afeta somente o país, mas também o vizinho ao sul. Aproximadamente 70% das armas encontradas no México foram produzidas nos Estados Unidos, e este é um dado que é apresentado por um interlocutor norte-americano, o Partido Democrata.

Uma segunda questão: como lidar de forma compartilhada com o fluxo de migrantes não-documentados? Este é um problema conjunto, por mais que Trump rechace soluções bilaterais. Ainda: como a tecnologia poderia melhorar o nível de controle e proteção da fronteira? Como garantir que as remessas de mexicanos legais para o país de origem continuem sustentando famílias, vilarejos e até cidades pequenas inteiras? Qual o futuro deste volume de dinheiro? A taxação?

Por fim, qual o horizonte da guerra às drogas? Poucos fatores sustentam a lógica militarista. Os resultados não são animadores, os níveis de violência não baixam, o custo da guerra em dólares, pesos e em vidas é altíssimo. Novas soluções precisam ser encontradas, ainda que em um futuro próximo, não se possa esperar uma mudança tão drástica assim, a despeito dos dados.

Os cenários colocados aqui demonstram que o diagnóstico vem acertando ao longo dos anos. Ou pelo menos acertam muito mais do que as estratégias executadas. A mesma agonística que coloca em oposição dois discursos diferentes dentro do campo da produção do conhecimento é a que existe no campo da execução da política pública. Permanece, no entanto, a percepção de que o discurso militarista e de proibição tem melhores efeitos, pois lida diretamente com a opinião pública, e pouco depende dos resultados.

Uma onda populista¹⁷ varre o mundo ocidental, mas geralmente faz a América Latina seguir em um caminho contrário – só corrigido por meio de intervenções diretas. A presença de Donald Trump na presidência estadunidense tem sido apontado como importante fator para os resultados positivos de Andrés Manuel Lopez Obrador para as eleições de 2018.

Lopez Obrador é aquilo que no México poderia ser chamado de esquerda. Foi o candidato derrotado em 2006 por Felipe Calderón, por uma questionável margem de 0,55 pontos percentuais. Hoje, é o candidato anti-establishment no país, levando ampla vantagem sobre Margarita Zavala (*Partido Acción Nacional*, PAN) e Osorio Chong (*Partido Revolucionario Institucional*, PRI), o atual secretário de governo Peña Nieto. Aliás, nada sugere que a aliança PRI-PAN que governa o México desde os anos 2000 terá sequer maioria legislativa, segundo as pesquisas mais atuais.

¹⁷ As análises mais conhecidas sobre o populismo latino-americano procuram estabelecer algumas características comuns a todos os movimentos, em busca de um conceito abrangente de todas as diversas realidades sociais. Apareceram assim estudos gerais sobre o populismo que procuraram identificá-lo com uma situação histórica, típica da América Latina. Os sociólogos argentinos Gino Germani e Torcuato di Tella construíram modelos que pretendiam dar conta da explicação do fenômeno. Partiam do pressuposto de que o populismo ocorria numa situação de “transição”, ou seja, na passagem da assim chamada sociedade tradicional — agrária, pré-capitalista, atrasada para a sociedade moderna — capitalista, urbana e industrial. As raízes do populismo estavam na assincronia entre os processos de transição de uma sociedade para a outra. Germani fazia uma distinção muito clara entre o processo histórico europeu e o latino-americano, distinguindo as especificidades próprias de uma sociedade subdesenvolvida. Assim, na Europa, a passagem de uma democracia com participação limitada para uma democracia com participação ampliada se fez sem grandes rupturas do ponto de vista político, ocorrendo uma integração através de canais legalizados pelo sistema político vigente. Na América Latina, a mobilização prematura das massas, gerando pressões sobre o aparelho político, não encontrou amadurecidos os canais de participação exigidos. Desse modo, a integração das massas não ocorreu como no modelo europeu, surgindo a possibilidade da manipulação dessas massas — caracterizada pela coexistência de traços tradicionais e modernos em sua constituição — por intermédio das elites defensoras de sua situação social. FGV-CPDOC. Verbete. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/populismo>>. Acesso em: 20 set. 2017.

O México parece não seguir a lógica do populismo de direita¹⁸ em crescimento por todo o mundo ocidental, mas o perigo segue à espreita. Muito dos cenários para o futuro dos mexicanos serão influenciados de forma inversamente proporcional aos resultados da gestão Trump.

Mas o México é um país gigantesco, de profundidade cultural inquestionável e de força igualmente avassaladora. Decerto conseguirá resolver de forma consciente seus problemas no futuro e aos poucos conseguir se desvencilhar do empuxo estadunidense¹⁹

¹⁸ É uma ideologia política que rejeita o modo corrente de fazer política. Baseia-se combina no, etnocentrismo e antielitismo. É considerado populismo por causa de seu apelo ao "homem comum" em oposição às elites, o que mobiliza as massas. Ver KAPLAN (1988).

¹⁹ Agradecimento ao amigo Vinícius Costa pela leitura atenciosa do texto e pelas sugestões de revisão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGANCA, Danillo. **Narcotráfico, Soberania e Relações Internacionais no México**. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2017.

BERNARDI, Bruno B. **O processo de democratização ea política externa mexicana de direitos humanos: uma análise ao longo de duas décadas (1988-2006)**. Resumo. 2009. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)—Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DUBOIS, Thomas David. **Hegemony, imperialism, and the construction of religion in East and Southeast Asia**. *History and Theory*, v. 44, n. 4, p. 113-131, 2005.

FIORE, Maurício. **O lugar do Estado na questão das drogas: o paradigma proibicionista e as alternativas**. *CEBRAP*, n. 92, 2012.

JUSTICE IN MEXICO. **Drug Violence in Mexico. Data and Analysis through 2016**. San Diego: University of San Diego, 2017.

KAPLAN, Jeffrey; WEINBERG, Leonard. **The emergence of a Euro-American radical right**. Rutgers University Press, 1998.

MALAMUD, Andres. **Does South America as a meaningful diplomatic and economic unit still makes sense?** *Latam Goes Global*, 2017.
<http://latinamericagoesglobal.org/2017/01/6192/>. Acessado em 18 jan 17

MANRIQUEZ, Jose Luis; NAVEJAS, Francisco Javier. **Atrapado sin salida? Mexico ante los gigantes asiáticos – China e Índia**. In: OLIVEIRA, Henrique Altemani de (coord.). *China e Índia na América Latina: Oportunidades e desafios*. Curitiba: Juruá, 2010.

ONUJI, Janina; MOURON, Fernando; URDINEZ, Francisco. **Latin American Perceptions of Regional Identity and Leadership** in *Comparative Perspective*. *Contexto int.*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 433-465, June 2016.

PEDROZA, Luicy. **Gasoline into Fire**. *GIGA Focus Latin America*, n.1, 2017.

REFORMA. **Encuesta Reforma: Pesimismo y desconfianza**, Mexico City, http://gruporeforma-blogs.com/encuestas/?page_id=2635 (20 January 2017).

REFORMA. **Encuesta Reforma: Evaluación al Presidente**, Mexico City, http://gruporeforma-blogs.com/encuestas/?page_id=2635 (18 January 2017)

RODRIGUES, Thiago. **Narcotráfico e Militarização nas Américas: Vício de Guerra**. *Contexto Internacional*, v. 34, n. 1, 2012.

SCHIAVON, Jorge A. **Historia de las relaciones internacionales de México**. 1810-2010. Europa, 2013.

ZISSIS, Carin. **Five Things Mexico wants to talk about with Trump**. AS/COA. 2017. Disponível em <http://www.as-coa.org/articles/five-things-mexico-wants-talk-about-trump>

REFERÊNCIAS DE OUTRA NATUREZA

ABC.ES. **El Congreso mexicano aprueba el uso medicinal de la marihuana**. Disponível em: <http://www.abc.es/sociedad/abci-congreso-mexicano-aprueba-medicinal-marihuana-201704291752_noticia.html>. Acesso em: 20 set. 2017.

ANIMAL POLITICO. **El 2017 tiene el arranque más violento del que haya registro; homicidios aumentaron en 25 estados.** Disponible em: <<http://www.animalpolitico.com/2017/02/2017-aumento-de-homicidios/>>. Acceso em: 20 set. 2017.

AP. **Timing of mexico drug lord's extradition seen as politica.** Disponible em: <<https://apnews.com/08bd035a176b41c5b5cae119401ad7c9/timing-mexico-drug-lords-extradition-seen-political>>. Acceso em: 20 set. 2017.

BLOOMBERG. **Mexico gets backing of pacific alliance partners over u.s. talks.** Disponible em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2017-03-10/mexico-gets-backing-of-pacific-alliance-partners-over-u-s-talks>>. Acceso em: 20 set. 2017.

DOLAR. **Histórico del peso mexicano.** Disponible em: <<https://dolar.wilkinsonpc.com.co/divisas/peso-mexicano.html>>. Acceso em: 20 set. 2017.

EL ECONOMISTA. **China es opción para incrementar ventas petroleras mexicanas.** Disponible em: <<http://www.eleconomista.net/2017/04/18/china-es-opcion-para-incrementar-ventas-petroleras-mexicanas>>. Acceso em: 20 set. 2017.

EL ECONOMISTA. **El pib de méxico creció 2.3% anual en el 2016.** Disponible em: <<http://eleconomista.com.mx/finanzas-publicas/2017/02/22/pib-mexico-crecio-23-anual-2016>>. Acceso em: 20 set. 2017.

EL ECONOMISTA. **Niveles de desaprobacion de Pena Nieto llegan a 69 por ciento.** <<http://eleconomista.com.mx/sociedad/2017/09/14/niveles-desaprobacion-pena-nieto-llegan-69-pew-center>>. Acceso em 25 set. 17.

EL ECONOMISTA. **México, el principal socio comercial de los estados sureños de eu.** Disponible em: <<http://eleconomista.com.mx/industrias/2016/12/25/mexico-principal-socio-comercial-estados-surenos-eu>>. Acceso em: 20 set. 2017.

EL FINANCIERO. **México, protagonista de la integración latinoamericana.** Disponible em: <<http://www.elfinanciero.com.mx/opinion/mexico-protagonista-de-la-integracion-latinoamericana.html>>. Acceso em: 20 set. 2017.

EXCELSIOR. **México analiza acuerdo transpacífico sin EU: guajardo.** Disponible em: <<http://www.excelsior.com.mx/nacional/2017/04/18/1158352>>. Acceso em: 20 set. 2017.

FORBES. **Dea maps show kingpin 'el chapo' guzmán's cartel controls nearly the entire u.s. drug market.** Disponible em: <<https://www.forbes.com/sites/doliaestevez/2015/11/10/dea-maps-show-kingpin-el-chapo-guzmans-cartel-controls-nearly-the-entire-u-s-drug-market/#b6f55982441b>>. Acceso em: 20 set. 2017.

FORBES. **Mexico city's fraying 'pax mafiosa'.** Disponible em: <<https://www.forbes.com/sites/riskmap/2013/10/15/mexico-citys-fraying-pax-mafiosa/#81cba95d78ce>>. Acceso em: 20 set. 2017.

FORBES. **What should investors know about latin america's pacific alliance?.** Disponible em: <<https://www.forbes.com/forbes/welcome/?tourl=https://www.forbes.com/sites/nathanieiparishflannery/2016/05/30/what-should-investors-know-about-latin-americas-pacific-alliance/&refurl=&referrer=#7d13f46b4292>>. Acceso em: 20 set. 2017.

FOREIGN AFFAIRS. **Latin america's left turn**. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/south-america/2006-05-01/latin-americas-left-turn>>. Acesso em: 20 set. 2017.

HUFFINGTON POST. **Este es el 'nuevo tlc' que México tendrá con la unión europea**. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com.mx/2017/04/04/este-es-el-nuevo-tlc-que-mexico-tendra-con-la-union-europea_a_22025684/>. Acesso em: 20 set. 2017.

ISTOE. **Suspeito de atacar funcionário consular dos EUA é americano**. <http://istoe.com.br/mexico-suspeito-de-atacar-funcionario-consular-dos-eua-e-americano/>. Acesso em 25 set. 17.

LA JORNADA. **Humillante derrota del pri en 2018: encuesta de presidencia**. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2017/03/23/politica/006n1pol>>. Acesso em: 20 set. 2017.

LA NACIÓN. **Primer paso de la cooperación entre Argentina y La Alianza Del Pacífico**. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/2011797-primer-paso-de-la-cooperacion-entre-la-argentina-y-la-alianza-del-pacifico>>. Acesso em: 20 set. 2017.

NPR. **Castaneda reminds the u.s. of the benefits of a friendly southern neighbor**. Disponível em: <<http://www.npr.org/2017/01/10/509086352/castaneda-reminds-u-s-about-the-benefits-of-a-friendly-southern-neighbor>>. Acesso em: 20 set. 2017.

PROCESO. **Hasta en 600% se disparan asesinatos en los estados**. Disponível em: <<http://www.proceso.com.mx/484445/en-600-se-disparan-asesinatos-en-los-estados>>. Acesso em: 20 set. 2017.

RFI. **China propõe o "brics plus", com possível adesão de México, paquistão e sri lanka**. Disponível em: <<http://br.rfi.fr/mundo/20170420-linha-direta-china-brics-plus>>. Acesso em: 20 set. 2017.

THE GUARDIAN. **Trump's wall: mexican construction firms likely to be biggest winners**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2017/jan/25/donald-trump-border-wall-mexican-construction-firms-workers-biggest-winners>>. Acesso em: 20 set. 2017.

THE NEW YORK TIMES. **Todos somos México (o lo seremos)**. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/es/2017/01/31/todos-somos-mexico-o-lo-seremos/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

THE WORLD BANK. **Mexico**. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/country/mexico>>. Acesso em: 20 set. 2017.

SIN EMBARGO.MX. **México inicia segunda ronda de negociaciones con Argentina para intensificar su comercio**. Disponível em: <<http://www.sinembargo.mx/17-04-2017/3194481>>. Acesso em: 20 set. 2017.

SPUTNIK MUNDO. **Chile respalda a México en candidatura a secretaria general de aladi**. Disponível em: <<https://mundo.sputniknews.com/americalatina/201704081068216131-integracion-latinoamericana/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

UNODC. **Informe mundial sobre las drogas**. 2015 research resumen ejecutivo. Disponível em: <<http://www.ipu.org/splz-e/unga16/drug-report-s.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017.

UOL NOTÍCIAS. **México vê um novo trump, um "blefador" na mesa de pôquer.**
Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/nytimes/2017/04/29/mexico-mais-calmo-ve-um-novo-trump-um-blefador-na-mesa-de-poquer.htm>>. Acesso em: 20 set. 2017.

USAID. **Fae: dashboard.** Disponível em: <<https://explorer.usaid.gov/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

VALOR. **Escassez e aumento da gasolina no México levam a filas nos postos.**
Disponível em: <<http://www.valor.com.br/internacional/4821902/escassez-e-aumento-da-gasolina-no-mexico-levam-filas-nos-postos>>. Acesso em: 20 set. 2017.